

**EMÍLIA NO PAÍS DA SOCIOLINGÜÍSTICA:
UM OLHAR SOB A ÓTICA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA
PARA A OBRA DE MONTEIRO LOBATO**

Matheus Silva Lima Motta (UNIGRANRIO)

Solimar Patriota Silva (UNIGRANRIO)

spssolimar@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma breve discussão teórica acerca do conceito sociolinguístico de variação linguística, a fim de encontrar respaldo para discutir a obra *Emília no País da Gramática*, na qual Monteiro Lobato tece críticas à gramática normativa e explica, através dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, a forma como as variações acontecem e como devem ser respeitadas, entendendo que a língua é um objeto que varia a cada momento. Embora a obra tenha sido escrita bastante tempo antes do surgimento da sociolinguística como ramo da linguística, pode-se dizer que o texto apresenta marcas e traços concernentes à variação linguística. Não se pretende dizer, no presente trabalho, que Monteiro Lobato defina e postule a sociolinguística, mas que seus escritos trazem marcas e traços de grande relevância para o estudo da variação linguística. Os fragmentos encontrados em seu livro asseguram e revelam fatores importantes do estudo que mescla língua e sociedade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Monteiro Lobato.

1. Introdução

Os estudos sociolinguísticos visam explicar fenômenos que ocorrem na fala dos indivíduos, sejam em uma comunidade do Rio de Janeiro a uma pequena cidade no interior estadunidense. As peculiaridades da língua servem de estudo para indicar um fator que sempre existiu, mas que por muito tempo compêndios gramaticais tentaram ocultar: uma língua viva, que se renova a cada segundo com novos e compreensíveis dialetos, gírias e expressões.

Este trabalho visa analisar brevemente o texto de *Emília no País da Gramática* asseguram e revelam fatores importantes do estudo que mescla língua e sociedade. Não se pretende dizer que Monteiro Lobato defina e postule a sociolinguística em sua obra, mas investigar marcas do estudo sobre variação linguística em seus escritos.

Buscamos traçar um panorama do surgimento da sociolinguística, bem como os autores que antecederam a essa área da linguística, adequar as perspectivas sociolinguísticas à obra de Monteiro Lobato, utilizando

teóricos que abordem as questões entre sociedade e língua com fragmentos que comprovem a “participação” de Monteiro Lobato na obra. Temos como finalidade investigar de que maneira Monteiro Lobato emitiu opiniões sobre variação linguística na obra *Emília no País da Gramática*,

Primeiro, abordamos o contexto histórico da sociolinguística, ramo da linguística que trata das relações entre língua e sociedade. Em seguida, estudamos as possibilidades de interpretação sociolinguística no livro *Emília no País da Gramática*.

2. *Sociolinguística: histórico e fundamentos*

Observando que as abordagens estruturalista e gerativista ainda não estavam associadas à língua e seus diferentes fatores (como a variedade) é que, na década de 1960, desabrocha outra vertente da linguística: A sociolinguística, que tem como um de seus principais nomes William Labov. A sociolinguística nasceu contrapondo pontos linguísticos que existiam no século XX, que mostrou ser possível a variação linguística ligada não só aos fatores internos quanto externos da língua.

Criada o que se chama de abordagem sociolinguística variacionista, com William Labov, esta abordagem não procura descartar o que varia e muda, mas usa estes mecanismos como estudo e usa também os artifícios que os outros linguistas excluíram da análise da língua. De acordo com William Labov, “toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. [...] Como a mudança e variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra”. (FIORIN, 2014, p. 149)

Falando ainda nas perspectivas da linguística soviética, Mikhail Bakhtin tece uma crítica acerca da visão de Saussure com relação a “perspectiva abstrata estruturalista”. Para Mikhail Bakhtin, a língua deve inteirar-se à comunicação verbal e estando essa comunicação dentro de um contexto. Ou seja, as mudanças que a língua possui são modificadas através dos contextos que ela começa a ter à medida que são historicamente movidas, ou seja, a forma como ela pode se relacionar. Na visão bakhtiniana, “para o sujeito falante o que importa é a língua em uso real, em uso prático, em outros termos, a língua concreta, em pleno funcionamento”. (BAKHTIN, 1999, *apud* LIMA, 2010)

Foi no século XX, depois de muitos anos de a ideia estruturalista ter imperado, que a sociolinguística tomou seus rumos como estudo da

linguística. A sociolinguística baseia-se nos estudos de Antoine Meillet, que afirma a língua ser analisada por ações exteriores, além de ser caracterizada por ser social e ativa, podendo ser justificada pela transformação da sociedade. Este ramo também tem raízes em Mikhail Bakhtin, que traz a ideia de uma língua repleta de ideologia e por ser um instrumento de caráter social. (LIMA, 2010)

William Labov impulsionou seus trabalhos através de uma pesquisa da língua inglesa, na área de fonética/fonologia em Massachusetts, na ilha de Martha's Vineyard, ano de 1960. O estudo da sociolinguística atua onde “supostamente o falante se preocupa mais com o que dizer do que o como dizer” (CEZARIO & VOTRE, 2008, p. 149 in: NEAD-UESC, 2011, p. 6). William Labov acredita que não se deve focar apenas no que é apenas de natureza linguística. A explicação e o funcionamento da língua devem ser buscados de acordo com as forças que estão agindo sobre ela, ou seja: como está inclusa na sociedade. O sociolinguista criticava Saussure por acreditar que um fato linguístico pode ser explicado por outro fato linguístico, o que se pode chamar de princípio da imanência, que, em relação aos estudos de Saussure, significa utilizar o objeto apenas por sua parte interna, excluindo qualquer tipo de interferência exterior.

Os postulados labovianos esmiúçam propostas relevantes acerca da variação linguística: a relação entre sociedade e língua, a busca pela diminuição do preconceito linguístico, regras que podem ser estabelecidas através de aspectos linguísticos e extralinguísticos. A proposta de William Labov ao estudar língua e sociedade visa compreender e analisar as comunidades da fala, a evolução que língua pode passar em seu contexto social.

A sociolinguística tem estado até hoje em constantes estudos para que mais descobertas linguísticas sejam desvendadas e desenvolvidas. O estudo sobre as diferentes formas de falar e quais motivos essas línguas são impulsionadas a variarem fazem as pesquisas tornarem-se cada vez mais interessantes e com magníficas descobertas. Dentre estas descobertas pode-se chegar a um conceito que está altamente ligado aos estudos sociolinguísticos: a variação linguística. Segundo Tânia Maria Alkmim (2001), a variação linguística é “...a existência de diversidade de variação. O [...] emprego de diferentes modos de falar” (ALKMIM, 2001, p. 32). O conjunto dessas variações é nomeada pela autora como repertório verbal.

Nenhum tipo de variação, por menor que seja, deve ser criminalizada. O sociolinguista deve, em suma, entender que qualquer variação linguística é de extrema importância para o prosseguimento do estudo linguístico, entendendo, também, que nenhum tipo de variação atrapalha a comunicação. É importante ressaltar que o tipo de escrita e fala refletem e revelam a identidade de um povo, de uma região, de uma nação.

2.1. Variação linguística como teoria e as mudanças da língua

O ponto central na estrutura apresentada por William Labov é a influência da sociedade na análise da língua. Para o sociolinguista, “mudança é questão de frequência” (LABOV, 1994, p. 25 *apud* FREITAG, p. 48). Entendendo esta fala de William Labov, consegue-se perceber que o início de toda variação ocorre em um ambiente mais propício e, paulatinamente, chega aos locais menos desejados. Isso ratifica a forma como cada regra é aplicada ao contexto social.

No conceito laboviano, a variação é essencial e heterogênea. Embora a heterogeneidade esteja presente, é necessário entender que a variação é um sistema e que, por isso, pode ser destrinchada, dividida. Um fato que colabora com essa afirmação é que as pessoas que vivem em determinado local conseguem se comunicar, se entender, estabelecer relações mesmo possuindo variações linguísticas distintas. Nesse sentido, a Teoria da Variação pode analisar com afinco as diversidades de variações que a língua possui. Embora se relacione a heterogeneidade à ausência de regras, é verídico afirmar que há regras, devendo sempre lembrar que mesmo sendo heterogênea, a língua é um sistema e possui uma organização, o que se pode chamar de regras variáveis. Um exemplo desse sistema heterogêneo e sistemático é o uso do gênero nas palavras: nenhum cidadão fala “o menina” e sim “a menina”, pois entende que o artigo “o” acompanha, no geral, substantivos do gênero masculino. O que a sociolinguística vem defender são estas regras variáveis, onde a fala pode ser usada de uma forma em um contexto e de outra em qualquer outro determinado contexto social. Essa visão está se desenvolvendo para incorporar não somente os aspectos internos que a língua possui, mas também os externos. (GÖRSKI & COELHO, 2010, p. 23)

A variação linguística é objeto teórico da sociolinguística. Torna-se o propósito de qualquer pesquisa envolvendo a língua. O que isso quer dizer, na verdade, é que do ponto de vista semântico, estas variações são diferenciadas pela fala, mas que no seu sentido real, representam os vá-

rios modos de se dizer a mesma coisa. (LABOV, 1994, p. 25 *apud* FREITAG, 2010, p. 49)

Desrespeitar a individualidade linguística é desrespeitar as raízes de um indivíduo. Sobre este assunto, Marcos Bagno diz que, no objetivo de diminuir o preconceito no ensino de língua, que se deve ter respeito por qualquer tipo de variação linguística, visto que a variação de uma língua corresponde a sua cultura, seu caráter, entendendo que a língua perpassa sobre tudo, em que “nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos”. (BAGNO, 2015, p. 201)

3. Análise sociolinguística da obra *Emília no País da Gramática*, de Monteiro Lobato

Nesta seção, analisamos a obra *Emília no País Gramática* para compreender como esse livro é um importante complemento para o estudo da variação linguística. O texto em questão teve sua primeira publicação em 1934, mas o conteúdo abordado é, em sua totalidade, atual. Monteiro Lobato relatou dificuldades, peculiaridades e conceitos na década de 30 que só seriam analisados – com mais precisão – na década de 60.

Na história, tudo começa quando Pedrinho vai passar as férias na casa de Dona Benta. Todos os dias, a avó de Pedrinho tomava-lhe as lições de gramática com o intuito de reforçar o que aprendia na escola. Pedrinho nunca gostou dessa matéria, pois reclamava que era cheia de conceitos difíceis de serem compreendidos, mas confessou à Dona Benta que se seu professor explicasse gramática da mesma forma que ela, “a tal gramática até virava brincadeira” (LOBATO, 2009, p. 14). Já no início do livro percebe-se uma crítica à rigurosidade e exigência autoritarista do ensino da gramática.

Emília participava dos momentos de estudos de Pedrinho até que teve a brilhante ideia de visitar o País da Gramática. O menino ficou perplexo com essa hipótese, pois, para ele, Gramática se tratava apenas de um livro. No entanto, Emília mostrou-lhe que esse país existia, e então o menino serelepe, a boneca de pano, Narizinho e Visconde de Sabugosa foram ao até então desconhecido país montados em Quindim, um rinoceronte muito entendido em gramática. A partir desse momento, iniciou-se a aventura. Monteiro Lobato traz à baila os diversos conceitos gramaticais de forma lúdica, contendo desde fonética a etimologia, facilitando o

entendimento e trazendo o gosto pela disciplina que é considerada difícil por parte dos estudantes. Destaca-se, para esta ocasião, o conceito de verbo utilizado por Monteiro Lobato na obra. Para o escritor, “verbo é uma palavra que muda muito de forma e serve para indicar o que os Substantivos fazem” (LOBATO, 2009, p. 52). Analisando esta definição a de Evanildo Bechara, por exemplo, vê-se que diz que o verbo é “a unidade que significa ação ou processo, unidade esta organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número” (BECHARA, 2010, p. 192), observa-se a simplicidade e clareza com que Monteiro Lobato usou para tornar o estudo de gramática (do modo geral) mais divertido e claro, fazendo com que o interesse pela disciplina crescesse e que os estudantes conseguissem vislumbrar a dimensão da língua.

Quando passeavam pelo País da Gramática depararam-se com o fenômeno do arcaísmo. Na concepção do sábio Quindim, as palavras arcaicas “são expulsas do centro da cidade e passam a morar aqui, até que morram e sejam enterradas naquele cemitério [...]. Porque as palavras nascem, crescem e morrem [...]” (LOBATO, 2009, p. 22). Este tipo de fenômeno é uma contribuição para afirmar a ideia de que toda língua é viva, portanto, sempre passa pelo processo de renovação. De acordo com Marcos Bagno, “toda língua muda e varia. Quer dizer, muda com o tempo e varia no espaço” (BAGNO, 2015, p. 22). Em virtude de a língua ser um objeto vivo e variante, temos, na obra, o exemplo da palavra OGANNO, que, depois de tantas transformações ocorridas com o tempo, veio a chamar-se este ano (LOBATO, 2009, p. 23). Na época em que a obra foi escrita, um fenômeno linguístico tão comum na sociedade, a gíria, era vista como algo muito ruim, usado apenas por “criadas, empregadas, por malandros ou gatunos, ou então por homens de um mesmo ofício. [...] Para o resto do povo nada significam”. Camargo (LOBATO, 2009, p. 24-25), na edição comentada de *Emília no País da Gramática*, expõe que este tipo de recurso linguístico perdeu o rótulo pejorativo que possuía. Hoje, as gírias constituem a verdadeira face de uma renovação da língua. Apenas deve-se atentar às situações em que forem utilizadas. (LOBATO, 2009, p. 24-25)

Algo interessante de ser analisado na obra é que até mesmo as nomenclaturas gramaticais sofreram alterações. O que eram adjetivos articulares e conjuntivos, por exemplo, hoje são, respectivamente, os artigos e pronomes relativos. O que era participípio presente hoje se chama gerúndio (LOBATO, 2009, p. 43-49). Percebe-se que a norma culta, por

mais endurecida que seja quanto às suas mudanças, sofreu variação ao longo do tempo.

No momento em que a turma do Sítio estava na Casa dos Pronomes, veio a discussão do pronome tu e você. Até mesmo naquela época tu já iria para o Bairro das Palavras antigas por não ser mais utilizado com muita frequência, sendo apenas seu uso em questões bastante formais. Se naquela época esta forma pronominal já não era utilizada, muito menos hoje (LOBATO, 2009, p. 50). Hoje o tu está apenas em locais isolados e seu uso não é o mesmo visto nos compêndios gramaticais. Da mesma maneira acontece com o pronome vós, que, segundo Marcos Bagno (2015, p. 70), “é um verdadeiro dinossauro linguístico” (BAGNO, 2015, p. 70), ao enfatizar seu uso escasso. Edair Görski e Izete Lehmkuhl Coelho (2010, p. 24) e Marcos Bagno (2015, p. 22) identificam esta relação como um tipo de variação linguística chamada diatópica.

Enquanto estavam passeando pelo Acampamento dos Verbos e Quindim estava explicando os quatro tipos de conjugações verbais comparando-as a tribos (que hoje são três, mas no período da obra os verbos terminados em -or possuíam uma conjugação própria), explicou que na conjugação dos verbos como PÔR, em outro tempo escrevia-se POER, mas com o passar tempo o E foi retirado. Emília propôs que fizessem novamente um E para colocar nas palavras que haviam sido retiradas, mas Quindim respondeu que

os gramáticos mexem e remexem com as palavras da língua e estudam o comportamento delas, xingam-nas de nomes rebarbativos, mas não podem alterá-las. Quem altera as palavras, e as faz e desfaz, e esquece umas e inventa novas, é o dono da língua – o Povo. Os gramáticos, apesar de toda a sua importância, não passam de “grilos” da língua. (LOBATO, 2009, p. 54)

Essa afirmação contida na obra de Monteiro Lobato remete ao entendimento de que a língua é constituída pelo povo, sendo o próprio povo decisor do que entra ou sai dela. Celso Pedro Luft (1985, p. 17) reflete, com o mesmo posicionamento da obra, que “vale o que a comunidade dos falantes tacitamente (raro explicitamente) determina que vale. A língua é autodeterminada pelos seus usuários” (LUFT, 1985, p. 17). Para Mario Alberto Perini, “nosso conhecimento de língua é [...] complexo, incrivelmente exato e extremamente seguro” (PERINI, 1997, p. 11). Isso também se confirma quando as palavras homônimas pena (dó) e pena (de escrever) conversam com Emília. Ao serem questionadas do porquê não usarem algum sinal para diferenciar as duas e não haver confusão, elas respondem: “não temos a liberdade de nos mudar a nós mesmas [...]”.

Unicamente o USO lá entre os homens é que nos muda” (LOBATO, 2009, p. 73). Os senhores gramáticos, que era, para Quindim, “gente que ganha a vida mexericando com as palavras” (LOBATO, 2009, p. 59), apenas podem fazer a descrição do que ocorre com a variedade que estão estudando, ao contrário da Gramática Normativa. Seu modo de funcionamento apenas tem caráter prescritivo. No entanto, os gramáticos não conseguem, na maioria das vezes, descrever tudo o que acontece em outros tipos de variedades da língua, visto que dependem de aspectos como sexo, hábitos, a cultura, a faixa etária, entre outros (LOBATO, 2009, p. 54). Celso Pedro Luft também afirma que apenas a vivência dos usuários pode aprovar ou não o que está correto, por mais superiores que os gramáticos fossem. A língua é uma norma regida pela prática, hábito e não por nenhuma outra estratégia autoritária. (LUFT, 1985, p. 18)

No momento em que a turma do Sítio do Pica-Pau estava passando pelo Bairro da Sintaxe, Dona Sintaxe, uma senhora que é o modelo da norma culta, estava furiosa porque encontrou uma oração “aleijadilha” e que estava grafada como “Nós vai brincar”. Vendo isso, prontamente colocou o verbo em sua devida flexão de pessoa. Depois de ter ajudado a oração, ao olhar para Emília, descreveu qual era o seu papel naquele bairro.

Minha vida aqui é o que se vê. Tenho de estar fiscalizando todas estas senhoritas para que a cidade não vire salada de batatas. As frases que andam com a concordância na regra tornam-se claras como a água da fonte – e a clareza é a maior qualidade que existe. Tenho também de cuidar da *Colocação* ou da ordem das palavras na frente. [...] Têm de seguir certas regras para que o pensamento fique bem claro e bem-vestido. (LOBATO, 2009, p. 104)

O comportamento de Dona Sintaxe é o que a gramática normativa prescreve para a sociedade. O que fica claro é que a importância não está em um exercício pleno e natural da língua, mas uma linguagem que tenha a função de padronizar, exigir. Segundo Maria Helena de Moura Neves (2015, p. 61), “nenhuma palavra ou construção é em si e por si perfeita ou autêntica e, é, portanto, modelar; nenhum modo de dizer é, em si e por si, o melhor ou único a merecer uso [...]” (NEVES, 2015, p. 61). As construções existentes na sociedade não vêm por acaso. Todas elas são frutos do hábito. Assim como Dona Etimologia disse à Emília, “o que nós chamamos hoje de certo já foi erro em outros tempos” (LOBATO, 2009, p. 79). Os conceitos de “certo” e “errado” não conseguem se estabelecer por muito tempo, pois não podem suportar o fenômeno da variação linguística. As mudanças que a sociedade realiza através da linguagem forçam aos gramáticos a cederem quanto à norma-padrão. A gramá-

tica normativa sofrerá alteração à medida em que a sociedade variar na língua através de seus hábitos, costumes etc. A construção corrigida por Dona Sintaxe possui uma explicação lógica para ser dessa forma. Estudos investigam que em todas partes do Brasil têm-se observado a condensação das seis pessoas verbais para somente duas. Quando se conjuga o verbo amar, por exemplo, contemplando o estudo referido, tem-se a flexão amo para a 1ª pessoa do singular e ama para as demais. Até mesmo o português padrão condensou as conjugações para três. (BAGNO, 2015, p. 66-67)

Outro aspecto muito importante da obra é a forma como Monteiro Lobato trata a visão dos gramáticos com os Vícios de Linguagem. Dona Sintaxe os “conserva em jaulas como feras perigosas” (LOBATO, 2009, p. 110), obviamente para que não “atrapalhem” o bom funcionamento da língua. Quando passaram pelo Barbarismo, Dona Sintaxe disse que ele estava preso por gostar

de fazer as pessoas errarem estupidamente na pronúncia e no modo de escrever as palavras. Sempre que você ouvir alguém dizer PORIBIR em vez de PROIBIR, SASTIFEITO em vez de SATISFEITO, [...] PERCURAR e PERCISA em vez de PROCURAR ou PRECISA, saiba que é por causa desse cretino. (LOBATO, 2009, p. 111)

Para fins de análise, deve-se observar qual o conceito de erro utilizado no estudo de variação linguística, que, obviamente, não é o mesmo visto na gramática normativa. No exemplo acima, o erro não está ligado ao desvio da norma padrão, mas por não existir, de forma pomenorizada, expressões equivalentes em outras variedades linguísticas. Mas essas tentativas de usar a língua provam a existência de uma gramática interna e exemplificam a gama de articulações e teses que as pessoas utilizam para falar ou escrever. Expressões como “os menino”, “dois menino” não podem ser consideradas erros, pois estas variantes ocorrem em determinadas situações e contextos sociais (POSSENTI, 1996, p. 79-80). Já na ótica de Marcos Bagno (2015, p. 175-177), não há uma abordagem científica que comprove existir erro de português. Segundo o autor, “todo nativo de uma língua é um falante completamente capaz dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado”. O homem não pode errar aquilo que nunca aprendeu e não há como se aprender a língua materna, visto que ela nasce com o falante. O conceito de erro apenas se aplica àquilo que aprendemos posteriormente a nossa língua materna (BAGNO, 2015, p. 175-177). As regras que os falantes usam para se expressarem são oriundas de uma gramática

natural, uma linguagem que vem de dentro do falante. (LUFT, 1985, p. 16)

Emília, ao deparar-se com o Provincianismo, perguntou quem era. Dona Sintaxe respondeu que este vício é o “que faz muita gente usar termos conhecidos em certas partes do país, ou falar como só se fala em certos lugares [...], como [...] NAVIU, MÉNINO, MECÊ, NHÔ etc.” (LOBATO, 2009, p. 114). A boneca de pano, não achando necessário sua permanência na prisão, tirou-o da jaula, afirmando que ele cooperava para que a língua passasse pelo processo de evolução. Pode-se observar que hoje o Provincianismo não é mais visto como uma transgressão à língua, mas é parte de uma das diversas variações linguísticas. Sobre esse assunto, Sírio Possenti (1996, p. 75) disserta que o português padrão descarta todas as hipóteses que contrariam suas regras e tudo que está alheio a elas é tido como “erro”, “vícios de linguagem”, ou “vulgarismos”. Na visão do autor, nenhuma expressão pode ser eliminada e excluída da língua, pois, em uma visão descritiva, esse fato deve ser analisado pelo uso entendendo quais são os meios que norteiam e levam as pessoas a falarem como falam.

No passeio pelo Bairro da Ortografia, Emília conversa com a senhora Ortografia quanto à observação das palavras não mudarem, permanecerem da mesma forma como foram originadas. A senhora respondeu que a Ortografia Etimológica não gostava de nenhuma mudança nas palavras. Gostava de que elas permanecessem da mesma forma. Mas Emília, com toda esperteza, rebate a afirmação da senhora questionando que “se tudo na vida muda, por que as palavras não haveriam de mudar?”. Continuando a resposta de forma humorada, ela diz: “Até eu mudo. Quantas vezes não mudei essa carinha que a senhora está vendo?” (LOBATO, 2009, p. 134). Monteiro Lobato estava, apenas com a pequena fala de Emília, mostrando o princípio da variação linguística. Quando Emília foi ao bairro onde a Ortografia Etimológica morava, questionou-lhe a razão pela qual ela não aceitava a mudança das palavras. A senhora, trajada de um tom petulante e grosseiro, respondeu: “as palavras sempre tiveram esse modo de vestir, e eu não “admito” que de um momento para outro mudem e virem aí umas sirigaitas “fonéticas”. As palavras têm uma origem e devem trajar-se de modo que quem as lê veja logo de onde procedem” (LOBATO, 2009, p. 135). As falas da Ortografia Etimológica refletem a ideia de um purismo linguístico. Esse purismo pode ser refletido em alguns casos, como quando se tenta uma aproximação das falas originais – oriundas de Portugal – com as que se desenvolveram ao de-

correr do tempo no Brasil, havendo a necessidade de elas estarem em estreita relação (BAGNO, 2015, p. 38). É necessário afirmar que todas as línguas passam pelo processo de variação e não há nenhuma sociedade em que sua totalidade fale do mesmo jeito. A variação linguística reflete o seu povo, a constante mudança na sociedade e estas mudanças, muitas vezes, são inconscientes, sendo essas mudanças e fatores que condicionam a ela objeto de estudo para os linguistas (POSSENTI, 1996, 33-34). Como disse Celso Pedro Luft (1985, p. 23), “a verdadeira gramática, imanente à linguagem, é algo vivo, por isso flexível”. O que acontece na língua, no que tange às variações, tem motivação e é explicado por uma metodologia científica da língua, que é a sociolinguística, descrevendo as várias nuances linguísticas em seu real uso, podendo, com propriedade, entender a motivação dos falantes a usarem a determinada variação. (BAGNO, 2015, p. 75-76)

Outra afirmação na obra é de bastante importância para o entendimento dessa questão. No momento em que Dona Etimologia explicava sobre a mudança fonética e etimológica das palavras entre o Brasil e Portugal, Narizinho observou que os portugueses trocavam o V pelo B com bastante frequência. Sobre o caso da cidade que estava, disse que o povo que residia lá falava muito melhor em relação às cidades com palavras mais antigas. A resposta de Dona Etimologia foi fundamental para explicar a mudança e variação que as palavras desenvolvem à proporção que o tempo passa.

Ambas têm o direito de falar como quiserem, e, portanto, ambas estão certas. O que sucede é que uma língua, sempre que muda de terra começa a variar muito mais depressa do que se não tivesse mudado. Os costumes são outros, a natureza é outra [...]. Tudo junto força a língua que emigra a *adaptar-se* à sua nova pátria. (LOBATO, 2009, p. 98)

Maria Helena de Moura Neves (2015) afirma que “todas as variações de uma língua têm a complexidade suficiente para cumprir as funções a que se destinam, não havendo nenhuma variedade que tenha limitações cognitivas ou perceptuais” (NEVES, 2015, p. 62). Há uma grande dificuldade, por exemplo, de as escolas trabalharem o uso efetivo da linguagem. Um estudo onde a língua seja abordada em sua característica comunicativa. Os professores deveriam julgar seus alunos em suas práticas de comunicação, não em exercícios de fixação. Como disse Luís Fernando Veríssimo, “(...) a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e deve ser julgada exclusivamente como tal”. (VERÍSSIMO, 2002 *apud* LUFT, 1985, p. 16)

Quando Emília questionou o porquê de o Neologismo estar preso no Bairro da Sintaxe, Dona Sintaxe respondeu que este Vício de Linguagem fazia “as pessoas usarem expressões novas demais, e que pouca gente entende” (LOBATO, 2009, p. 113). A resposta da boneca de pano define não apenas os neologismos, mas grande parte do que se defende a Variação Linguística. Emília discordou de Dona Sintaxe afirmando que

assim como há sempre crianças novas no mundo para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem como já vimos, e se [...] impede a entrada de palavras, a língua acaba acabando. (LOBATO, 2009, p. 113)

Segundo Celso Pedro Luft (1985, p. 78), “todas as variantes são valores positivos na língua”. É impossível que não haja variações, porque isso acontece de forma natural em uma sociedade. A aquisição e criação de novas palavras são sinais de uma reciclagem e renovação da língua. E o mais interessante disso tudo é que para cada nova palavra há uma explicação de âmbito científico que pode ser vista pela sociedade. O entendimento de que a língua tem mudanças e variações, que se constituem em parte na retirada, acréscimo ou inclusão de novas palavras, precisa estar cada vez mais enraizado na sociedade. (BAGNO, 2015, p. 200)

Após esse acontecimento, Emília passeou pelo reduto etimológico com a intenção de promover uma reforma ortográfica na cidade e assim o fez, justificando que “a ortografia nova [...] facilita a vida. Quanto menos complicações, melhor” (LOBATO, 2009, p. 136). Escolheu diversas palavras para mexer, perguntando todas as suas formações anteriores. A primeira palavra foi SABBADO, que recebeu essa nomenclatura por ser oriunda do hebraico SABBAT. Emília logo tratou de retirar o “b” em excesso, tornando-se SÁBADO. A palavra, depois ter mudado de escrita “saiu lampeiríssima, pulando que nem um cabritinho novo que pilha aberta a porta do curral” (LOBATO, 2009, p. 138). Depois veio SCEPTRO. Emília tirou as letras que não serviam para nada, restando CETRO. Assim foi com THESOIRO, que se tornou TESOURO, MACHINA por MÁQUINA, PROMPTO por PRONTO, PHOSPHORO por FÓSFORO, entre outras.

Monteiro Lobato, em tom humorístico, disse que o Brasil ficou envergonhado por ser mais atrasado que Emília em relação às palavras e optou por acatar o que a boneca havia dito, mas havia um outro problema a ser encarado: o exagero das acentuações. Acentos como a crase e o acento agudo, por exemplo, possuem o mesmo som com utilizações diferentes. Na visão de Monteiro Lobato, nada justificava algumas palavras

possuírem acentuação. Emília emitiu sua opinião dizendo que sua reforma ortográfica veio para facilitar as coisas e os acentos estavam fazendo o contrário. Enfatizou que não aceitava isso. (LOBATO, 2009, p. 144)

Quindim confirmou a ideia facilitadora de Emília, entendendo que “a tendência natural de uma língua é para a simplificação, por causa da lei do menor esforço. [...] Mas a tal acentuação inútil vem contrária essa lei. Em vez de exigir menor esforço, exige maior esforço”. Ao observar a fala de Quindim, pode-se remeter àquilo que Marcos Bagno (2015, pp. 182-183) diz ao explicar que a língua tem uma característica de conduzir-se “à economia, ao enxugamento” das palavras. Pedrinho afirmou que era obrigatório escrever as palavras com inúmeros acentos, mas Quindim respondeu que a língua “é uma criação popular na qual ninguém manda. Quem a orienta é o USO e só ele” (LOBATO, 2009, p. 145). Antes de irem embora, Emília estava procurando Visconde, que havia sumido e roubado o ditongo *ÃO*, por seu problema cardíaco, devido a ter caído no mar quando fez uma viagem ao País da Fábula, levava muitos sustos ao ouvir palavras que terminasse com esse ditongo. Emília exigiu que ele devolvesse o ditongo à cidade e, assim, retornaram à casa de Dona Benta. E a história se encerra.

Esta incrível obra reflete o pensamento tão atual de Monteiro Lobato concernente ao estudo da Variação Linguística. Pela análise de fragmentos da obra e dos teóricos apresentados neste capítulo, pôde-se perceber que a sociolinguística estava presente antes mesmo de ter um estudo pormenorizado sobre o assunto. Marcos Bagno louva o fato de Monteiro Lobato, mesmo tendo morrido na década de 40, ter conseguido se encaixar muito mais na visão sociolinguística do que os gramáticos atuais. Na visão do autor (2015, p. 56), Monteiro Lobato “estava muito mais por dentro das noções de linguística moderna do que muito ”professor” famoso que está aí hoje [...] fazendo sucesso na televisão com seus programas de gramática requintada” (BAGNO, 2015, p. 56-57). Monteiro Lobato ultrapassou seu tempo, evidenciando traços tão importantes para uma melhor compreensão da sociolinguística e como deve ser o comportamento no trato às diferentes variedades da língua.

4. Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo buscou possibilitar uma melhor análise sobre como Monteiro Lobato ultrapassou sua época. As afirmações contidas na obra estavam à frente do tempo em que a socio-

lingüística surgiu e tomou forma. A obra complementou o estudo da variação lingüística tornando possível, de forma lúdica, um entendimento mais fácil acerca do tema.

Pode-se perceber, também, a grande necessidade de um estudo assíduo e aprofundado acerca da variação lingüística. Por muitos anos a Gramática Normativa tentou ocultar o que é natural em uma língua: as várias faces de uma língua viva e dinâmica. Impondo regras e “decobas” sobre análises morfosintáticas, os compêndios gramaticais tratam a língua como um sistema uniforme, além de tentarem inculcar a ideia de que o português padrão é o único “correto” e limpo de toda e qualquer “sujeira” dos “erros” cometidos pelos falantes de língua materna.

Todos os teóricos abordados, bem como os trechos da obra em questão analisados nesta monografia, apontaram para o fenômeno da variação lingüística, que está presente em toda sociedade. As falas de Monteiro Lobato confirmam isso, ainda que os estudos sociolingüísticos não estivessem em difusão na época em que sua obra foi escrita.

Os objetivos foram alcançados à medida que as teorias acerca do tema e as opiniões de Monteiro Lobato foram encontrando-se ao longo do trabalho. Foi possível a identificação e análise dos fragmentos da obra *Emília no País da Gramática* a partir dos pressupostos teóricos utilizados para fundamentar a tese. Os autores mais enfatizados, para este momento de análise, foram os que abraçavam as teorias sociolingüísticas, em que se pode perceber uma grande convergência entre teoria e a obra.

Pensar no trato às diferentes variações lingüísticas que perpassam a sociedade é entender a dimensão de uma língua, a grandeza de sua reformulação e criação. A língua é muito mais do que um conjunto de regras onde se distingue o que é “certo” ou “errado”, analisada isoladamente, mas, sobretudo, uma ferramenta que une e adapta-se às diversas situações sociais para aplicar uma efetiva comunicação (ALVES, 2014, p. 31). A língua tem papel comunicativo e seu objetivo é fazê-lo de forma clara, para que o falante possa reger o meio que se comunica. Mais do que saber inúmeras regras gramaticais, é “falar claro, escrever claro, de modo eficiente”. (LUFT, 1985, p. 19)

O trabalho buscou tornar-se relevante para o espaço acadêmico por ser um complemento para o estudo da variação lingüística. Analisar autores que antecederam ao fenômeno da sociolingüística ajuda a se ter um melhor entendimento sobre como as noções de língua e sociedade eram vistas e comentadas na época. Sobre Monteiro Lobato, o trabalho

realizado demonstrou a opinião do autor que foi considerada, por Marcos Bagno (2015, p. 56), frente a sua época por tamanha perspicácia e entendimento sobre as questões da língua. Sua visão da sociolinguística era tão avançada que Monteiro Lobato reconheceu o processo de variação linguística e como isso poderia acarretar na sociedade, além das severas críticas aos gramáticos da época. Segundo Monteiro Lobato, quando Emília realizou a revolução ortográfica no reduto etimológico, “o Brasil ficou envergonhado de estar mais atrasado que uma bonequinha e resolveu aceitar as suas ideias. E o governo e as academias de letras realizaram a reforma ortográfica”. (LOBATO, 2009, p. 113)

A pergunta norteadora da tese foi respondida à proporção que as teorias da variação linguística foram se unindo à obra de Monteiro Lobato, esclarecendo, com maior precisão, o desenvolvimento da sociolinguística e a comprovação do ponto de vista do autor sobre este assunto.

Monteiro Lobato, através de suas opiniões destacadas no livro, demonstrou um respeito às diversidades linguísticas e utilizou a personagem Emília para criticar a forma como os gramáticos tratavam a língua e acrescentavam estereótipos aos que falavam “errado”. Colaborando aos pensamentos de Monteiro Lobato, Antunes (2007, p. 32 *apud* ALVES, 2014, p. 31) diz que a língua “é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica social. [...] É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma a nossa declaração: *Eu sou daqui*”. O desrespeito à língua é o mesmo que o desrespeito a uma pessoa, uma cultura, uma nação. E todo desrespeito deve ser combatido e erradicado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

ALVES, Rosemeire. *FTD sistema de ensino: sim português: 7º ano: Manual do Professor*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2014.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 17. ed. 4ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Do-*

mínios de Lingu@gem, vol. 4, n. 2, p. 173-194, fev. 2011. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618/6863>>. Acesso em: 22-10-2016.

GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete Lehmkuhl. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em:

<http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%Adstica_UFSC.pdf>. Acesso em: 09-03-2017.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. 3ª reimpr. – São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LIMA, Valquiria Botega de. O conceito de palavra sob o olhar de Mikhail Bakhtin. *Revista Linguagem*, n. 12. Disponível em:

<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao12/artigos_01.php>. Acesso em: 09-03-2017.

LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. Ilustrações: Osnei e Hector Gomez. – 2. ed. coment. São Paulo: Globo, 2009.

_____. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Língua & liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. 4. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

NÚCLEO de Educação a Distância (NEAD) – Universidade Estadual de Santa Catarina (UESC). *Sociolinguística: Surgimento, objeto e objetivos*. Mód. 2, vol. 5. Disponível em:

<<http://nead.uesc.br/arquivos/letras/sociolinguistica/letras-mod2-vol5-linguisticaii-sociolinguistica-aulai.pdf>>. Acesso em: 13-02-2017.

PERINI, Mario Alberto. *Sofrendo a gramática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

POSSENTI, Sírio. O sujeito fora do arquivo. In: MAGALHÃES, Izabel. (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UnB, 1996.